

IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO RURAL DA EMATER/RS-ASCAR EM TRÊS PASSOS/RS NA VALORIZAÇÃO DE MULHERES AGRICULTORAS DA MELHOR IDADE

IMPORTANCE OF RURAL EXTENSION OF EMATER/RS-ASCAR IN TRÊS PASSOS/RS IN THE ENHANCEMENT OF OLDER WOMEN FARMERS

IMPORTANCIA DE LA EXTENSIÓN RURAL DE EMATER/RS-ASCAR EN TRÊS PASSOS/RS EN LA VALORIZACIÓN DE LAS MUJERES AGRICULTORAS MAYORES

Jéssica Nicole Voss

Acadêmica do Curso de Bacharelado em Agronomia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)/Unidade Três Passos. E-mail: jessica-voss@uergs.edu.br | <https://orcid.org/0009-0001-8761-6291>

Danni Maisa da Silva

Professora Adjunta na UERGS/Unidade Três Passos. E-mail: danni-silva@uergs.edu.br | <https://orcid.org/0000-0002-3600-0462>

Divanilde Guerra

Professora Adjunta na UERGS/Unidade Três Passos. E-mail: divanilde-guerra@uergs.edu.br | <https://orcid.org/0000-0001-5136-2763>

Laurice Gelatti Diniz

Extensionista Rural de Bem-Estar Social na EMATER/RS-ASCAR Escritório Municipal de Três Passos. E-mail: lauricediniz@yahoo.com.br | <https://orcid.org/0009-0006-3059-2117>

Eduardo Lorensi de Souza

Professor Adjunto na UERGS/Unidade Três Passos. E-mail: danni-silva@uergs.edu.br | <https://orcid.org/0000-0002-3600-0462>

Marciel Redin

Professor Adjunto na UERGS/Unidade Três Passos. E-mail: marciel-redin@uergs.edu.br | <https://orcid.org/0000-0003-4142-0522>

Fernanda Hart Weber

Professora Adjunta na UERGS/Unidade Três Passos. E-mail: fernanda-hart@uergs.edu.br | <http://orcid.org/0000-0001-6036-4613>

Ramiro Pereira Bisognin

Professor Adjunto na UERGS/Unidade Três Passos. E-mail: ramiro-bisognin@uergs.edu.br | <https://orcid.org/0000-0002-1052-3521>

Mastrângello Enívar Lanza Nova

Professor Adjunto na UERGS/Unidade Três Passos. E-mail: mastrangelo-lanzanova@uergs.edu.br | <https://orcid.org/0000-0003-2285-1052>

ABSTRACT:

This study aimed to understand how technical assistance and rural extension (ATER), provided by Emater/RS-Ascar in the municipality of Três Passos, RS, contributes to the quality of life of elderly women farmers. The research is justified by the social invisibility of these women, the advancing aging population, and the persistent historical gender inequalities. It also sought to highlight the work of Emater/RS-Ascar as a public inclusion policy. The methodology used was a case study, with a qualitative approach, through structured interviews with seven elderly women participating in two of the institution's groups. The results demonstrated that extension actions go beyond technical support, acting as a tool for social inclusion, emotional strengthening, and personal, cultural, and identity enhancement. The activities developed in these groups offer support, access to information, and the exchange of experiences, contributing to addressing social isolation and strengthening a sense of belonging. It is concluded that rural extension plays an essential role not only in productive qualification, but also in the emotional, social and community well-being of these women, highlighting the importance of Emater/RS-Ascar's work in promoting citizenship and recognizing female protagonism in rural areas.

KEYWORDS: Farmers; Emater/RS – Ascar; rural extension; senior citizens.

RESUMO:

O presente estudo teve como objetivo compreender de que forma a assistência técnica e extensão rural (ATER), promovida pela Emater/RS-Ascar no município de Três Passos/RS, contribui para a qualidade de vida de mulheres agricultoras da melhor idade. A pesquisa justifica-se pela invisibilidade social dessas mulheres, o avanço do envelhecimento populacional e as desigualdades de gênero históricas ainda presentes. Buscou-se, também, valorizar o trabalho da Emater/RS-Ascar enquanto política pública de inclusão. A metodologia utilizada foi o estudo de caso, com abordagem qualitativa, por meio de entrevistas estruturadas com sete mulheres idosas, participantes de dois grupos da instituição. Os resultados demonstraram que as ações extensionistas ultrapassam o suporte técnico, atuando como ferramenta de inclusão social, fortalecimento emocional e valorização pessoal, cultural e identitária. As atividades desenvolvidas nesses grupos oferecem acolhimento, acesso à informação e troca de experiências, contribuindo para o enfrentamento do isolamento social e o fortalecimento do sentimento de pertencimento. Conclui-se que a extensão rural possui papel essencial não apenas na qualificação produtiva, mas também no bem-estar emocional, social e comunitário dessas mulheres, evidenciando a importância da atuação da Emater/RS-Ascar na promoção da cidadania e no reconhecimento do protagonismo feminino no meio rural.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultoras; Emater/RS – Ascar; extensão rural; melhor idade.

RESUMEN:

Este estudio tuvo como objetivo comprender cómo la asistencia técnica y la extensión rural (ATER), proporcionadas por Emater/RS-Ascar en el municipio de Três Passos, RS, contribuyen a la calidad de vida de las mujeres agricultoras mayores. La investigación se justifica por la

invisibilidade social de estas mulheres, el avance del envejecimiento de la población y las persistentes desigualdades históricas de género. También buscó destacar el trabajo de Emater/RS-Ascar como una política pública de inclusión. La metodología utilizada fue un estudio de caso, con un enfoque cualitativo, a través de entrevistas estructuradas con siete mujeres mayores que participan en dos de los grupos de la institución. Los resultados demostraron que las acciones de extensión van más allá del apoyo técnico, actuando como una herramienta para la inclusión social, el fortalecimiento emocional y la mejora personal, cultural e identitaria. Las actividades desarrolladas en estos grupos ofrecen apoyo, acceso a información e intercambio de experiencias, contribuyendo a abordar el aislamiento social y fortalecer el sentido de pertenencia. Se concluye que la extensión rural juega un papel esencial no sólo en la calificación productiva, sino también en el bienestar emocional, social y comunitario de estas mujeres, destacando la importancia del trabajo de Emater/RS-Ascar en la promoción de la ciudadanía y el reconocimiento del protagonismo femenino en el medio rural.

PALABRAS CLAVE: Agricultores; Emater/RS – Ascar; extensión rural; personas mayores.

INTRODUÇÃO

O conceito de agricultor familiar é definido pela Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, a qual estabelece diretrizes para a Política Nacional da Agricultura Familiar (BRASIL, 2006). Entretanto, trata-se de uma concepção produtivista, a agricultura familiar é uma atividade que apresenta diversas particularidades, que ultrapassam padrões que estejam somente ligados a relações produtivas e condições legais, estando enraizado em aspectos culturais, sociais e territoriais. A agricultura familiar é considerada como um modo de vida, no qual a produtividade está interligada com laços familiares e a permanência no território (Schneider, 2003). Além disso, a agricultura desenvolvida pela agricultura familiar é multifuncional, pois desenvolve diversas funções para além dos aspectos produtivos (Conceição, 2020). Neste contexto, a agricultura familiar não se limita somente a produção agrícola, mas envolve conexões, valores, saberes e relações sociais que preservam a comunidade e a vida no meio rural. Além disso, destaca-se por sua heterogeneidade e pela sua pluriatividade, onde as atividades realizadas, agrícolas ou não, acabam por garantir a subsistência e a continuidade no meio rural.

Contudo, cabe destacar que a produção agropecuária é um dos setores com grande destaque global, sendo responsável pela maior parte dos alimentos que são consumidos diariamente, assim como, os derivados deles. Apesar de desempenhar papel fundamental na segurança alimentar e na economia do mundo é um setor que enfrenta diversos desafios. Segundo o levantamento do Censo Agropecuário de 2017 existem 365.094 estabelecimentos no estado do Rio Grande do Sul - RS que desempenham a agricultura como atividade principal (IBGE, 2017). Dentro deste número de estabelecimentos, apenas 12% são geridos por mulheres, enquanto a porcentagem do sexo masculino chega a 88% (IBGE, 2017), o que demonstra que as mulheres ainda enfrentam barreiras sociais, culturais e legais que acabam por delimitar a distribuição das atividades realizadas por elas, além da tomada de decisões dentro de uma propriedade rural. O que demonstra que as mulheres rurais enfrentam muitos desafios e eles se explicam por alguns fatores tais como pela vertente do patriarcado, divisão sexual do trabalho, e teoria de gênero (Tasso; Spanevello, 2022).

Quando aprofundamos a temática da agricultura familiar, em relação as mulheres agricultoras, torna-se relevante discutir questões relacionadas a desigualdade de gênero. A desigualdade de gênero segundo Ribeiro et al. (2022) pode ser compreendida como um fenômeno

cultural e social que se construiu historicamente, a qual estabelecem distinções entre feminino e masculino, não tratando somente do sexo biológico. Essa desigualdade manifesta-se em várias esferas da sociedade, sendo dentro da própria família, trabalho, educação e vida social, de modo que ocasiona determinadas situações exclusão, discriminação e limitações especialmente para as mulheres. Dentro do contexto da agricultura familiar a desigualdade de gênero não está somente resumida a questão de menor presença de mulheres em posições decisivas dentro de uma propriedade rural, mas está profundamente ligada a invisibilidade histórica relacionada ao trabalho feminino, divisão sexual de tarefas e de opressão quanto ao gênero.

Segundo Silva (2019) as mulheres durante muito tempo foram colocadas em posições secundárias, tendo sua vida guiada pelo homem, iniciando pelo pai e depois pelo marido, o que as submeteu a uma realidade de inferioridade e dependência. Apesar de haver avanços significativos nas discussões relacionadas a desigualdade de gênero, ainda vivenciamos em uma sociedade que é marcada pelo domínio masculino, onde os papéis de homem e mulher são definidos a muitos anos de forma desigual. Apesar das conquistas das mulheres ao longo dos anos, ainda persistem relações de poder onde o homem é considerado o provedor e decisor, enquanto a mulher fica em segundo plano dentro da família. Neste contexto, torna-se fundamental abordar a perspectiva das mulheres agricultoras da melhor idade, que vivenciaram períodos onde a cultura patriarcal era ainda mais presente, deste modo, carregam ao longo dos anos experiências vividas marcadas por essa exclusão, invisibilidade e submissão. Como revela estudo realizado com idosas rurais, onde as narrativas destacam que as mulheres idosas cresceram em um ambiente imensamente patriarcal, à mulher cabia somente o silêncio e a reverência diante a figura masculina, no entanto, reconhecem que tal comportamento ficou longínquo (Silva et al., 2020).

Conforme Pontes et al. (2024), o trabalho agrícola pressupõe que os homens estejam mais preparados para assumir posições de liderança, o que serviu e ainda serve para dizer que as mulheres não são consideradas “capazes” para exercer o papel de líder ou responsável pela tomada de decisões na produção agrícola de uma propriedade. A emergência dos estudos de gênero voltados ao meio rural veio da necessidade de obter formas mais consistentes de analisar os papéis sociais e as relações de poder específicas nesse meio (Silva; Benites, 2022). Segundo Marques et al. (2020), ainda há um processo estrutural das condições de gênero, onde para as mulheres nos contextos rurais oportunidades são negadas e exige enfrentamento e elaboração da sua existência.

Segundo Villamagna et al. (2021), o envelhecimento populacional é um fenômeno que merece atenção por implicar em mudanças a curto e médio prazo nos aspectos gerais da sociedade, como economia, cultura, moradia, previdência social e cuidados com a saúde. O aumento da população de 65 anos ou mais, que alcançou o percentual de 10,9% em 2022, como sendo o maior já registrado em Censos Demográficos, em conjunto com a diminuição da parcela da população de até 14 anos no mesmo período, que passou de 24,1% para 19,8%, evidenciam essa situação (IBGE, 2022). Quando associado à temática de gênero, a situação se torna ainda mais complexa, pois a população feminina revela diferentes camadas de desigualdades, pois essas mulheres idosas carregam diferentes trajetórias e acumulam histórias tanto de trabalho, quanto de contribuição. Diante deste contexto as mulheres idosas que ainda vivem no meio rural enfrentam dificuldades, como a invisibilidade social e a falta de reconhecimento por suas diversas contribuições ao longo da vida. Apesar da dedicação em tempo integral as atividades familiares, domésticas e produtivas muitas das vezes não recebem o devido reconhecimento. Como destacam Neves e Medeiros (2013), onde consideram que a realidade das mulheres no âmbito rural brasileiro é marcada por muito trabalho e pouco reconhecimento. As agricultoras, apesar de se

dedicarem integralmente às atividades produtivas e reprodutivas, sofrem ainda a invisibilidade social e a falta de reconhecimento como trabalhadoras e cidadãs. A seleção desta faixa etária de mulheres agricultoras no presente estudo está relacionada a magnitude e relevância que essas mulheres representam, além de serem um grupo populacional que mais tem crescido muito ao longo dos anos (IBGE, 2023).

A Emater/RS – Ascar (Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural/Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural) trata-se de uma instituição pública que oferece serviços de assistência técnica e extensão rural as famílias agricultoras do Rio Grande do Sul (RS), promovendo desenvolvimento rural. Neste contexto, as atividades da Emater/RS – Ascar tornam-se fundamentais para a consolidação da agricultura familiar e para a enfrentamento da igualdade de gênero no meio rural. A Emater atende a diversos estados brasileiros e no Rio Grande do Sul (RS), tem um papel significativo em relação ao suporte aos agricultores (as), impulsionando a inclusão social, o acesso a novas tecnologias sustentáveis, além da valorização das mulheres rurais. Segundo a Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – ANATER (2020), a instituição já tem desenvolvido projetos e ações que incentivam a liderança feminina nas atividades agropecuárias, estimulando a autonomia econômica das mulheres e auxiliando a elaboração de uma agricultura mais clara e sustentável. No município de Três Passos – RS a Emater/RS – Ascar desempenha através de oficinas, capacitações, acompanhamento técnico e grupos de convivência a missão de incentivar a continuidade das atividades, a inovação no campo, a valorização dos saberes locais, a autonomia e o protagonismo no meio rural.

Além dos ganhos produtivos e econômicos, a ATER executada pela Emater/RS – Ascar desempenha um papel significativo para a saúde, bem-estar e valorização sociocultural das mulheres idosas no meio rural. Iniciativas, como grupos, oficinas de artesanato, atividades de convivência e de resgate de saberes tradicionais contribuem para o fortalecimento da identidade, autoestima e inclusão social dessas mulheres idosas. Segundo Schmitz e Santos (2024), os conhecimentos tradicionais como o uso de plantas medicinais, preservado por essas mulheres, persistem ao tempo e a modernidade, sendo essencial para a identidade e inclusão social dessas idosas. Além disso, Oliveira et al. (2024) salientam que o manejo e o cuidado das mulheres são fatores essenciais para a conservação, cultivo e propagação de espécies alimentares e medicinais, que contribuem para a segurança alimentar e nutricional das comunidades.

No decorrer dos anos a abordagem da extensão rural tem evoluído para garantir não somente a produtividade, mas também a inclusão de questões sociais, como a igualdade de gênero e o bem-estar de pessoas com mais de 60 anos que ainda permanecem no meio rural. De acordo com Silva et al. (2020), durante muitos anos a extensão rural foi focada apenas na produtividade o que resultou em práticas intensivas que contribuíram para a degradação, já na questão relacionada a gênero a extensão rural frequentemente reforçou a separação das funções, limitando o acesso das mulheres ao conhecimento técnico e ao desenvolvimento de suas habilidades como produtoras nas unidades familiares agrícolas.

Entretanto, com a criação da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária (PNATER) em 2003, sendo posteriormente instituída pela Lei nº 12.188 de 11 de janeiro de 2010 (BRASIL, 2010), onde tentou-se criar melhores relações entre os diferentes responsáveis do meio rural, além de, valorizar mais e gerar visibilidade ao trabalho das mulheres, promovendo a sua participação em todas as áreas, com objetivo de reduzir as desigualdades de gênero. Além disso, iniciativas de extensão tem reconhecido e valorizado saberes tradicionais dos idosos no meio rural, promovendo práticas de

autocuidado e o uso de plantas medicinais. Segundo Konrad et al. (2023) esses saberes são essenciais para o envelhecimento mais saudável e ativo, contribuindo de forma significativa para a saúde física e emocional dos idosos, além de fortalecer a autonomia e identidade cultural.

As mulheres, no entanto, infelizmente, continuam sendo negligenciadas e seu trabalho muitas vezes é rotulado como mera “ajuda”, mesmo quando desempenham tarefas e responsabilidades semelhantes aos homens. Em geral, as mulheres rurais, além das atividades agrícolas, também assumem a carga do trabalho doméstico e cuidado dos filhos (Lima; Garcia, 2023).

Embora as políticas públicas voltadas à população idosa tenham ganhado mais visibilidade nos últimos anos, ainda existem desafios para garantir boas condições de vida para esse público alvo. Dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2022), mostram que a população do Brasil vem passando por um processo acelerado de envelhecimento populacional, os dados mostram que a população com 65 anos ou mais atingiu 32,1 milhões de pessoas, representando 15,6% da população total do país – um aumento significativo de 56% em relação a 2010. No meio rural, a realidade é ainda mais preocupante como apresenta o estudo sobre Perfil das mulheres rurais do RS realizado pelo Departamento de Economia e Estatística do RS (Menezes; Bock., 2022) onde grande parte das mulheres entrevistadas possuem idade mais elevada e baixa escolaridade, com quase metade não tendo concluído o ensino fundamental. Além disso, o estudo constatou que 59% das mulheres apresentam algum problema de saúde, sendo a hipertensão e problemas de coluna os mais frequentes, sendo que 83% dessas mulheres já fazem uso de medicação contínua (Menezes; Bock, 2022). Esses dados reforçam a necessidade de atenção voltada não apenas ao envelhecimento populacional, mas as particularidades das mulheres idosas no campo – que enfrentam problemas na mobilidade, pouca presença de serviços essenciais e mesmo assim continuam contribuindo significativamente para a unidade familiar.

Neste contexto, estudos que tratam da igualdade de gênero tornam-se cada vez mais importantes, especialmente relacionados com a permanência da população feminina no meio rural, com dignidade, autonomia e qualidade de vida. Apesar dos diversos avanços conquistados nos últimos anos, ainda são visíveis as desigualdades e pré-conceitos enfrentados pelas mulheres agricultoras, que praticamente durante toda a vida foram “esquecidas” e invisibilizadas. Com a realidade crescente do envelhecimento populacional, especialmente nos meios rurais, intensifica-se a necessidade de visualizar esse público com mais atenção. Segundo dados recentes do IBGE (2023), a população idosa é o grupo que mais cresce no país, e no meio rural isso cria uma dimensão ainda mais complexa, marcada por desafios como o isolamento, a escassez de serviços básicos e a desvalorização dos saberes tradicionais. Essas mulheres possuem longas vivências, histórias, saberes e marcas causadas por uma desigualdade histórica. Neste contexto, objetiva-se neste estudo, compreender a importância da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) realizada pela Emater/RS – Ascar para as mulheres agricultoras da melhor idade de distritos rurais de Três Passos/RS.

METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado no município de Três Passos, localizado na Região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul (RS)/Brasil, em área de rural. Segundo dados do Censo Demográfico do IBGE (2022), o município possui população aproximada de 25.436 habitantes,

sendo o mais populoso dentre os municípios que compõem a Região Celeiro, sendo a agricultura uma atividade de grande importância econômica para o município (IBGE, 2017).

A metodologia empregada no estudo tratou-se de um estudo de caso, que para Yin (2001) é definido como estratégia de pesquisa baseada na coleta e análise de dados, sendo este, realizado em diferentes etapas. A primeira etapa compôs-se de uma pesquisa bibliográfica sobre a importância das mulheres nas atividades agrícolas das propriedades rurais, assim como, particularidades do município em questão.

A segunda etapa do estudo, envolveu por sua vez uma pesquisa de campo, conduzida por meio da elaboração e aplicação de questionário com vinte e seis questões semiestruturadas em formato discursivo e objetivo, aplicadas em forma de entrevistas às mulheres agricultoras da “melhor idade” assistidas pela Emater/RS – Ascar; foram caracterizadas como mulheres agricultoras da “melhor idade” todas as agricultoras idosas, ou seja, aquelas que possuíam 60 anos ou mais, no momento da aplicação das entrevistas, sendo a definição de “idosa” baseada no Estatuto da Pessoa Idosa (Lei nº 10.741/2003), que considera a idade de 60 anos ou mais, para fins legais e de direitos.

Já o termo “melhor idade” foi utilizado, carinhosamente, para definir todos os participantes desta pesquisa, já que este termo é frequentemente empregado para abordar a fase de velhice de uma maneira positiva e afetiva de pessoas que possuem maior tempo e experiência de vida. A utilização desta expressão “terceira idade” ou “melhor idade”, de acordo com Lima e Von Simson (2025) que em uma abordagem sobre turismo e qualidade de vida na velhice, traz uma substituição do termo “velho”, buscando afastar-se da ideia de fragilidade e vulnerabilidade. A partir desta nova forma de enxergar, coisas que anteriormente eram associadas basicamente somente para jovens, passam agora a ser atribuídas como importantes para este público, buscando-se fortalecer os sentimentos de valorização, vitalidade e autonomia. Ao longo de suas vidas essas mulheres da melhor idade enfrentaram situações intensas de desigualdades, exclusão, invisibilidade e sobrecarga, assim como, vivenciaram períodos onde o trabalho feminino não era reconhecido ou validado. Além disso, encontram-se em uma fase da vida onde são relacionadas ao declínio e dependência, tornando-se ainda mais importante compreender de que forma essas mulheres continuam exercendo seus papéis ativamente dentro da propriedade, família e comunidade.

A etapa de realização das entrevistas também contou com a manifestação de relatos de experiências vividas com vistas na maior liberdade de expressão das participantes e no enriquecimento da pesquisa. Foram entrevistadas sete mulheres agricultoras “da melhor idade”, domiciliadas em três diferentes distritos rurais do município de Três Passos/RS: Boa Vista da Romana, Esquina Santo Antônio e Linha 93. As entrevistadas foram denominadas como “Agricultora 1, 2, 3” e assim sucessivamente até o número 7, com vistas na possibilidade de relacionar as manifestações das entrevistadas com as informações coletadas, garantindo o anonimato da participante. As entrevistas foram aplicadas durante o mês de maio de 2025.

As idosas entrevistadas fazem parte de dois grupos organizados pela Emater/RS – Ascar, localizados na Esquina Santo Antônio e Linha 93, onde realizam-se atividades regulares que objetivam agregar conhecimentos técnicos e sociais e a integração entre as mulheres das comunidades do meio rural. Nesses encontros são realizadas atividades com temas sobre soberania e segurança alimentar, uso e cultivo de plantas bioativas, educação e promoção da saúde e orientações sobre saneamento básico, dentre outros, além de trabalhos manuais. Também são elaborados produtos de base ecológica, produção artesanal e atividades recreativas e de convivência, como excursões, oficinas, dias de campo e rodas de conversa. Esses dois grupos

fazem parte do total de oito grupos existentes no município assessorados pela Emater/RS-Ascar, que estão distribuídos em diferentes localidades do meio rural de Três Passos/RS, reunindo aproximadamente 180 mulheres, segundo dados apresentados pela extensionista do Escritório Municipal da Emater/RS – Ascar. Ainda, de acordo com a extensionista o número de participantes ativas nas atividades dos grupos varia bastante, tendo grupos pequenos, com cerca de cinco participantes, assim como, grupos que chegam a sessenta idosas participantes, ressaltando-se que nem sempre há a presença de todas no dia estipulado para a reunião e ou atividade programada. Também cabe ressaltar, que com o passar dos anos o número de mulheres participantes tem diminuído significativamente, conforme relata a extensionista de Bem Estar-Social do Escritório Municipal da Emater/RS – Ascar de Três Passos.

Para a condução da pesquisa de campo deste estudo contou-se com o apoio e suporte da extensionista de Bem Estar-Social do Escritório Municipal da Emater/RS – Ascar de Três Passos, sendo as entrevistas aplicadas pelos autores logo após desenvolvimento de uma das atividades programadas com os dois grupos de mulheres participantes deste estudo (Esquina Santo Antônio e Linha 93), de acordo a agenda de mensal da extensionista da Emater/RS-Ascar. Nos dois grupos em questão, o número de participantes variou conforme a localidade. Na comunidade da Linha 93, o grupo é composto por dez mulheres, embora nem todas estivessem presentes no dia da reunião e aplicação das entrevistas.

Já no grupo da localidade de Esquina Santo Antônio, participam ativamente vinte e uma mulheres, com maior participação das mulheres na reunião, porém, com menor adesão voluntária à pesquisa, já que nem todas as idosas presentes tiveram interesse em participar das entrevistas por timidez, insegurança ou até mesmo por não se sentirem à vontade com questionamentos. Embora essas limitações não tenham comprometido os objetivos do presente estudo, tal fato evidencia a necessidade de abordagens mais acolhedoras, assim como, adaptadas à realidade do público em questão, especialmente nos contextos de pouco acesso à educação formal e às informações.

Todas as agricultoras que participaram das atividades da Emater/RS-Ascar, integrantes dos grupos de Esquina Santo Antônio e Linha 93, foram esclarecidas sobre o objetivo e a finalidade deste estudo, e, posteriormente, convidadas a participarem do trabalho conforme sua disponibilidade e interesse em contribuir de forma livre e voluntária. A entrevista em questão considerou aspectos como: características gerais das mulheres e das suas famílias, dados da propriedade, nível de escolaridade, importância dos serviços de extensão rural, acesso e participação em programas e ações de capacitação, desafios enfrentados na gestão da propriedade, dentre outros.

Cada entrevista foi realizada de forma individual com tempo de duração média de 15 minutos. Durante a realização desta atividade é necessário e importante destacar que algumas das mulheres se sentiram mais à vontade para compartilhar suas vivências e histórias pessoais, o que resultou em alguns momentos de conversa mais longa e detalhada. Já outras mulheres, por sua vez, foram mais objetivas em suas respostas fazendo o tempo de duração da entrevista variar. Esse aspecto é parte de estudos de natureza qualitativa, que segundo Benjumea (2015), são caracterizados por se concentrarem fundamentalmente nas experiências humanas, permitindo conhecer sua subjetividade nos multivariados atores da sociedade buscando evidenciar possíveis padrões ou assuntos recorrentes nas narrativas das entrevistadas.

Para garantir o anonimato das entrevistadas, estas não foram identificadas no estudo. Além disso, antes de iniciar a pesquisa apresentou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), previamente assinado por todas que se dispuseram a participar. Desta forma,

o documento formalizou a participação livre e voluntária na pesquisa e assegurou que as informações resultantes do estudo mantenham a confidencialidade e integridade das entrevistadas. Após a conclusão das entrevistas, os dados e informações coletadas foram organizados e tabulados, analisados, interpretados e discutidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A faixa etária das seis mulheres agricultoras “da melhor idade” entrevistadas nesta pesquisa variou de 60 a 76 anos, evidenciando uma longa trajetória de vida e de experiência no meio rural (Tabela 1).

Tabela 1 - Faixa etária/idade das entrevistadas.

Faixa etária/Idade (anos)	Nº de mulheres
60	1
61 - 70	5
Acima de 70	1
Total	7

Fonte: Autores (2025).

Quando foi solicitado às mulheres entrevistadas que falassem sobre o tempo de vida dedicado à agricultura, todas relataram que trabalharam “a vida inteira” no meio agrícola e que atualmente algumas possuem as áreas próprias arrendadas para terceiros devido à idade avançada e, por não terem mais a mesma agilidade para realizar atividades como antigamente, mas, que ainda mantêm uma área produtiva. Durante uma das entrevistas, a “Agricultora 4 (68 anos) fez a seguinte afirmação:

Eu tentei morar durante um período na cidade. Eu e meu marido ficamos sozinhos na propriedade, aposentados e com certa idade para tocar tudo sozinhos, vendemos e fomos para a cidade, com ideia de descansar. Tentamos no acostumar até onde deu, estávamos ficando doentes, não conseguimos nos adaptar, vendemos de novo e compramos uma chácara, com um pouco de terra e agora estamos bem; a vida no campo não tem preço.

A permanência das mulheres idosas no meio rural pode estar ligada a fatores como o gosto pela atividade agrícola, necessidades econômicas e a conexão com a terra e suas tradições familiares. Apesar de muitas possuírem idade avançada, as mesmas ainda continuam comprometidas com atividades rurais, não considerada como uma obrigação, mas sim, por sentirem a necessidade desse meio e se sentirem pertencentes a esse espaço. Como apresenta o estudo feito por Kullok (2012) que ao avaliar o envelhecimento feminino em comunidades rurais descobriu que essa autonomia revela a vontade de viverem ativas e independentes e que essa continuidade de afazeres gera a sensação de força e bem-estar. Além disso, o trabalho rural muitas vezes se mantém como a principal fonte de subsistência, como corrobora o estudo feito por Schneider et al. (2020), ao mostrar que mesmo viúvas ou idosas essas mulheres permanecem ativas e envolvidas, tanto no trabalho doméstico, quanto nas atividades agrícolas, expressando o papel do desenvolvimento sustentável das unidades produtivas.

A permanência no campo é motivada é por diferentes fatores, sendo também impactada pela localização das propriedades, pois algumas mulheres vivem em distritos afastados do centro da cidade. Neste estudo durante as entrevistas, observou-se que as distâncias das propriedades

onde residem as entrevistadas variaram entre 8 a 12 km do centro urbano. Este fator pode contribuir para a dificuldade de acesso a alguns serviços, como reforça o estudo de Menezes; Bock (2022) que ao avaliar o perfil das mulheres rurais do RS, evidenciou que cerca de 23% nunca recebeu visita de agente comunitário ou membro de saúde da família. Apesar da distância do centro urbano e da deficiência de acesso a serviços considerados essenciais, não somente para esta faixa etária, mas para todas, o estudo apresentado por Konrad et al. (2023) destaca que o envelhecimento saudável no meio rural depende significativamente dos vínculos pessoais, familiares e interações dentro de um grupo social.

Neste contexto, cabe destacar outro dado relevante que influencia de forma direta ao acesso a informações e a participação ativa de serviços públicos, ou seja, o nível de escolaridade. Como observado durante as entrevistas, as idosas participantes desta pesquisa, em sua maioria, possuem apenas o ensino básico, ou seja, cinco das entrevistadas informaram possuir Ensino médio incompleto e, apenas duas, o ensino médio completo. Esse baixo nível de escolaridade possivelmente seja reflexo das condições de vida diferentes. No período em que as entrevistadas nasceram a educação e o aprendizado eram realizados de forma informal sendo grande parte fora dos ambientes educacionais populares atualmente e ainda as mesmas mantinham deveres e responsabilidades dentro da propriedade desde muito jovens. Cabe destacar, que neste contexto, o baixo nível de escolaridade pode ter influenciado diretamente na baixa adesão das participantes do grupo em colaborar com a pesquisa. A baixa escolaridade, aliada a sentimento de insegurança ou até mesmo de dificuldade de compreensão pode ter ocasionado a rejeição diante da proposta da pesquisa, mesmo com apoio e incentivo de idosas que já haviam participado.

Uma das entrevistadas, a “Agricultora 1 (65 anos), revelou a dificuldade e a falta de oportunidade de estudo na infância: *“Infelizmente não tive a oportunidade de estudar, tinha vontade, mas na época o máximo que consegui e o que tinha foi até a 4ª série, depois tive que ajudar em casa, os tempos eram bem diferentes e difíceis”*.

Apesar dos avanços na taxa de alfabetização no Brasil nas faixas etárias mais jovens, dentre os idosos, os índices ainda são preocupantes e revelam desigualdades. De acordo com dados do Censo Demográfico do IBGE (2022) a única faixa etária em que os homens apresentam maior taxa de alfabetização do que as mulheres é a de 65 anos ou mais, com 79,9% dos homens alfabetizados frente as mulheres com 79,6%. Em todas as demais faixas etárias as mulheres apresentam maiores percentuais de estudo/ensino. Segundo Jesus et al. (2017) considera-se que idosos com baixa escolaridade possuem potencial de apresentarem diferentes problemas de saúde mental, limitações em interações sociais e dificuldade ao acesso a informações. Segundo os autores, o acesso à escola era complicado e muitas vezes as jovens abandonavam os estudos para assumir atividades domésticas e rurais (Jesus et al., 2017).

Em relação as atividades desenvolvidas nas propriedades rurais das idosas entrevistadas neste estudo, a maioria está relacionada à produção para a subsistência, sendo que, apenas duas das sete entrevistadas relataram possuir em sua propriedade outras atividades, como a bovinocultura de leite e a produção de tabaco (Tabela 2).

Tabela 2 – Caracterização das atividades desenvolvidas nas propriedades rurais.

Entrevistada	Bovinocultura de leite	Tabaco	Subsistência
a			
1			x
2	x	x	x
3		x	x

4	X
5	X
6	X
7	X

Fonte: Autores (2025).

Conforme Konrad et al. (2023), pessoas idosas que residem no meio rural permanecem trabalhando mesmo com idades mais avançadas, sendo este costume fortemente entrelaçado com o meio onde vivem, enraizada na cultura local. Para a grande maioria, deixar de realizar atividades mais árduas ou rotineiras de trabalho, pode ser ligada ao pensamento de insuficiência ou o declínio cognitivo. Dedicar-se a essas atividades, além de mantê-las ativas, ainda se torna uma forma de manterem boas condições de alimentação, renda e até mesmo de atendimento das necessidades básicas.

O tamanho das propriedades das entrevistadas variou de 0,5 ha até 30 ha, conforme consta na Tabela 3.

Tabela 3 – Tamanho das propriedades rurais em ha.

Entrevistadas	Tamanho das propriedades rurais
1	4 ha
2	13 ha
3	8,6 ha
4	30 ha
5	7 ha
6	0,5 ha
7	9,4 ha

Fonte: Autores (2025).

Destaca-se, entretanto, que a propriedade rural que apresenta maior área territorial (30 ha) encontra-se em sua maioria arrendada. As entrevistadas revelaram que, embora residam, predominantemente em pequenas unidades produtivas que possuem diferentes limitações, todas permitem o sustento familiar, sendo a ATER importante para este processo, conforme expressa a “Agricultora 3” (60 anos) sobre a participação nos grupos da Emater/RS-Ascar e sua relação com a sustentabilidade na propriedade:

Participem é bom, vocês não irão se arrepender, a gente troca conhecimento, chás que ajudam quando estamos mal, sementes e mudas de frutas e flores. E assim, a gente vai tendo sempre uma novidade em casa, é divertido. Com mais participação das mulheres, consegue-se trazer diferentes atividades.

Em relação ao número de integrantes que residem na propriedade rural, a maioria das mulheres convive e divide o lar apenas com o marido; outras convivem com até cinco pessoas na propriedade; e, há casos de mulheres que residem sozinhas como ilustra o depoimento da “Agricultora 5 (76 anos)”: “*Às vezes me sinto sozinha... Meu marido faleceu, estou triste e*

desanimada, mas participo das atividades do grupo e retorno para casa me sentindo melhor, com vontade de continuar”.

Esse relato reflete um fenômeno que é cada vez mais frequente no campo, o êxodo rural. A saída de membros da família do meio rural em busca de diferentes oportunidades no meio urbano tem modificado a composição das famílias no meio rural e deixado muitos idosos sozinhos. No contexto brasileiro, as transformações vividas pela sociedade têm causado diferentes alterações, significativas na sucessão familiar no meio rural, impactando diretamente na vida das famílias e na realidade desse meio (Pontes et al., 2024). Segundo estudo apresentado por Almeida et al. (2020), pessoas idosas que moram sozinhas possuem grande potencial para despertar e desencadear problemas de saúde mental, assim como, a depressão. Entende-se que a família tem enorme influência sob tal situação e que ao terem um maior contato reduzem esses impactos.

Segundo Konrad et al. (2023) a participação e o engajamento em grupos, assim como, a participação ativa na comunidade contribui para o convívio social e no desenvolvimento de novas relações e laços. Assim, salienta-se que interações com vizinhos, amigos e grupos de convivência/encontros comunitários como os promovidos pela Emater/RS – Ascar contribuem e desempenham um papel de grande importância. Os grupos e atividades proporcionam às idosas um momento de convivência, inclusão e de agregação de conhecimento, conforme relata a “Agricultora 3 (62 anos)”: *“Gostaria que tivessem mais mulheres participando do grupo e das atividades que desenvolvemos, sempre aprendemos algo novo, trocamos experiências, trazemos novidades, desde comida, chá e artesanato”*; do mesmo modo, segue relato da “Agricultora 7 (63 anos)”: *“O grupo tem grande integração entre as mulheres. A gente troca experiências sobre serviço, família e vivências, por isso peço que participem, porque nós aprendemos e agregamos conhecimento com isso. Além de não nos sentirmos sozinhas”*. Para Marmentini e Gerhardt (2024) as atividades desenvolvidas pela Emater/RS – Ascar proporcionam fortalecimento para a saúde mental das mulheres através de encontros que representam um ambiente seguro, terapêutico e acolhedor.

Em relação ao tema sucessão rural, a maioria das entrevistadas relatou que há perspectivas de continuidade nas atividades agrícolas da propriedade. Apenas duas entrevistadas manifestaram que não há ou não haverá sucessão familiar, enquanto as demais apontam filhos, filhas e genros como possíveis sucessores e interessados em dar continuidade ao trabalho na propriedade rural. Quando questionadas sobre a razão de alguns filhos (as) não permanecerem nas atividades, o relato da “Agricultora 4 (68 anos)”, foi o seguinte: *“Incentivamos a buscar o estudo e assim, já possuem outras profissões e se estabeleceram em outros locais”*. Essas informações corroboram com os estudos de Panno e Machado (2014), que relatam que os jovens deixam as terras dos pais para tentarem vida na cidade, motivados pela busca de outras atividades profissionais e pelo investimento nos estudos, muitas vezes encorajados pelos próprios pais. Schneider et al. (2020), por sua vez, destacam que na maioria das vezes para as filhas ocorre o incentivo ao estudo para que possam encontrar oportunidades fora do meio rural, enquanto que os filhos são incentivados à permanência e continuidade das atividades da propriedade.

O afastamento dos filhos do meio rural também repercute no emocional de alguns familiares que, apesar de compreenderem a necessidade desse distanciamento, relatam que a rotina de antigamente tornou-se mais “vazia”. Estudos de Lorenzo et al. (2019) destacam que um dos principais fatores que provocam o isolamento social de pessoas idosas é a ausência/afastamento de familiares. Algumas entrevistadas expressam que há saudade desse convívio familiar diário e preocupação com o futuro da propriedade, embora considerem a

mudança uma realidade inevitável como expressa “Agricultora 1 (65 anos)”: *“Criei os meus filhos para o mundo e para viver melhor que nós, apesar de hoje em dia na roça tudo ser mais mecanizado e mais fácil”*. Entretanto, iniciativas como os grupos de mulheres promovidos pela ATER desempenham um papel fundamental e importante na redução dos sentimentos de isolamento e desânimo. A participação das mulheres nas atividades desenvolvidas pela Emater/RS – Ascar, segundo relatos das entrevistadas, propiciam espaços de convivência que demonstraram-se ir muito além do aspecto produtivo, abrangendo dimensões sociais e emocionais que resultam na melhoria da qualidade de vida dessas mulheres idosas, sendo também um momento de transformação e valorização.

Todas as entrevistadas afirmaram que após entrarem para os grupos de mulheres organizados pela Emater/RS – Ascar tiveram melhoria na qualidade de vida. A “Agricultora 2 (62 anos)” deixou esta afirmação bem evidenciada ao relatar que: *“Às vezes estou em casa, meio para baixo e aí é semana de grupo... eu fico feliz, porque vou encontrar as parceiras de grupo e acabo distraíndo a minha cabeça e volto me sentindo bem, além de ter aprendido alguma coisa nova. A técnica da Emater sempre traz novidades”*.

Tal depoimento ilustra claramente o impacto positivo das ações desenvolvidas pela Emater/RS – Ascar, no bem-estar emocional e social das integrantes dos grupos de Esquina Santo Antônio e Linha 93, em Três Passos/RS. Marmentini e Gerhardt (2024) também relatam que a Emater/RS – Ascar trabalha em conjunto com tecnologia, economia e política, mas também atende diferentes demandas e questões sociais. Às vezes, essas atividades, sob uma perspectiva dos que não estão inseridos no contexto, podem parecer irrelevante, mas revelam-se práticas de muita importância, com muito autocuidado, acolhimento e capaz de promover o diálogo e a escuta (Marmentini; Gerhardt, 2024). Isso é evidenciado por uma das entrevistadas deste estudo ao ser questionada sobre o sentimento de maior autonomia após participar de ações de ATER da Emater/RS – Ascar: *“Sim, me sinto mais autônoma, com conhecimento que aprendo no grupo, tenho a oportunidade de conversar e levar as novidades pra casa e depois tomarmos as melhores decisões”* (Agricultora 4, 68 anos).

Além dos benefícios sociais e emocionais, a participação nesses grupos tem contribuído significativamente para a autonomia na condução de atividades nas propriedades, conforme a “Agricultora 6 (66 anos)”: *“Consegui ter mais diálogo e manifestar minhas opiniões aos demais da família e assim contribuir de alguma forma para as decisões, já que também havia adquirido de alguma forma conhecimento”*.

Neste contexto, a maioria das entrevistadas afirmou ser ouvida e respeitada no processo de decisões dentro da propriedade rural e embora algumas tenham manifestado que não participam muito desse processo, por outras razões: *“Ficava mais envolvida com a carreira profissional (era professora), então já possuía demais atividades e assim acabava ficando de fora das atividades da propriedade em si”* (Agricultora 5, 76 anos).

Contudo, ao serem questionadas sobre os desafios que enfrentaram ao longo da vida agrícola, enquanto mulheres, as respostas revelaram que sentiam uma grande sobrecarga, vinda dos deveres do lar e do trabalho na lavoura. Uma das entrevistadas relatou a “Agricultora 6 (66 anos)”: *“Era difícil, tinha três filhos pequenos, casa, comida, roupas e ainda tinha que ir para a roça e tirar leite das vacas, não foi fácil, era tudo muito braçal. Não havia os recursos como hoje em dia”*. Segundo Sousa e Guedes (2016) durante muito tempo o trabalho doméstico esteve interligado somente à mulher, sendo atribuídas obrigações e tarefas como cuidado com a família, alimentação, demais responsabilidades e manutenções do lar direcionada somente as mulheres. Conforme o Censo Demográfico do IBGE, ainda em 2022 as mulheres dedicavam

aproximadamente 7 h por dia aos afazeres domésticos e cuidado de pessoas (IBGE, 2022), o que ainda representam desigualdades na divisão de tarefas, que apesar de rotineiras, costumam sobrecarregar.

Por fim, os serviços de ATER desenvolvidos pela Emater/RS – Ascar foram reconhecidos como fundamentais quanto à qualificação profissional. Os cursos, oficinas, grupos e palestras são vistos como fontes de muito aprendizado e de melhoria das práticas e vida no campo. *“Os grupos que participo fortalecem o meu conhecimento, a troca de experiências entre pessoas da comunidade e também o meu emocional”* (Agricultora 2, 62 anos). Fica evidente, a partir dos relatos, o reconhecimento quanto a importância destas atividades, pois esse, nos grupos de trabalho, as mulheres conseguem ter acesso a informações que antes não tinham conhecimento, tornando possível a inovação e melhoria em suas produções.

A maioria dos relatos apresentados refletem parte importante dos benefícios técnicos, produtivos e de bem-estar prestados pelos serviços de ATER da Emater/RS – Ascar aos grupos de mulheres da melhor idade de Esquina Santo Antônio e Linha 93, em Três Passos/RS, mas também destacam a importância do fortalecimento das relações sociais, da autoestima e do sentimento de pertencimento entre as mulheres do meio rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste estudo possibilitou visualizar a importância das atividades realizadas pela Emater/RS – Ascar às mulheres da melhor idade dos grupos de Esquina Santo Antônio e Linha 93, em Três Passos/RS, sendo uma fonte de recursos essenciais para o desenvolvimento, assim como o fortalecimento emocional e social de mulheres idosas do meio rural. As atividades, grupos, oficinas e cursos, contribuem para o acesso a novas informações, conhecimentos e também para o enfrentamento do isolamento socioemocional das mulheres da melhor idade do meio rural.

Durante a pesquisa, foi possível perceber que as mulheres no meio rural apesar de ainda enfrentarem desafios desempenham papéis que são fundamentais para o funcionamento da agricultura, desde as questões culturais e de vida no campo. Algo marcante durante o estudo foi a maneira como as idosas reagiram ao verem que estavam sendo lembradas por alguém. Algumas, enchiam os olhos de lágrimas ao responderem aos questionamentos e ao perceberem que estavam sendo ouvidas e lembradas dentro deste contexto. No processo, foi possível sentir que a atividade representava mais do que simplesmente responder a um questionário, pois elas queriam compartilhar suas histórias, sentimentos e experiências. Esse comportamento pode estar relacionado ao fato de que, ao longo dos anos muitas foram esquecidas e, ao serem ouvidas, esta ação se tornou um ato de reconhecimento e acolhimento. O simples fato de estar presente e ouvindo com atenção e interesse suas opiniões e histórias, já significava valorização, respeito, reconhecimento e memória para as idosas.

Diante disso, a Emater/RS – Ascar ao atuar neste contexto exerce justamente esse papel transformador, contribuindo para a autonomia das mulheres da melhor idade, promovendo fortalecimento, inclusão, dignidade e valorização dos saberes locais. Por meio de ações extensionistas, a entidade vai além do apoio técnico e demonstra-se um agente de renovação para as mulheres idosas rurais que enfrentam desafios ligados à idade, gênero e às condições do meio rural. Ao refletir sobre essa experiência enriquecedora, de contato direto com as idosas entrevistadas, tivemos a oportunidade de enxergar, reconhecer e valorizar as dimensões que envolvem o trabalho feminino no campo. Essa assimilação reforça a necessidade de políticas

públicas e ações de ATER que sejam sensíveis a essas especificidades, promovendo uma assistência mais inclusiva, acolhedora e efetiva.

Em síntese, faz-se necessário desenvolver mais estudos que evidenciem as ações de assistência técnica e extensão rural na realidade das mulheres agricultoras da melhor idade, assim como, identificar, reconhecer e valorizar os atos da Emater/RS – Ascar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. K. P. *et al.* **Vivências de pessoas idosas que moram sozinhas: arranjos, escolhas e desafios.** Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 23, n. 5, p. e200225, 2020. Acesso em 01 jul. de 2025.

ANATER. **Mulheres rurais.** 2020. Disponível em: https://www.anater.org/wp-content/uploads/2021/03/Mulheres_Rurais.pdf. Acesso em: 26 abr. 2025.

BENJUMEA, C. **La calidad de la investigación cualitativa: de evaluarla a lograrla. Texto & Contexto Enfermagem,** Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 883-890, 2015.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Estatuto da Pessoa Idosa. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 06 jan 2025.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006: **Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.** Diário Oficial da União. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2006/lei/111326.htm. Acesso em: 27 jul 2024.

BRASIL. Lei nº 12.188, de 11 de janeiro de 2010: **Institui a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária - PNATER e o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária - PRONATER,** altera a Lei no 8.666, de 21 de junho de 1993, e dá outras providências (Lei nº 12.188, de 11 de Janeiro de 2010). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112188.htm . Acesso em: 27 jul 2024.

CONCEIÇÃO, F. C. Multifuncionalidade e Pluriatividade Rural: uma revisão bibliográfica. **Revista Tocantinense de Geografia,** v. 9, n. 18, p. 103-112, 2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Agro 2017. Disponível em: https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/produtores.html. Acesso em: 14 jun. 2024.

IBGE, Censo Agropecuário 2017 - **Resultados definitivos.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/tres-passos/pesquisa/24/76693>. Acesso em 26 abr. 2025.

IBGE. **Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos.** Agência de Notícias - IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>. Acesso em: 27 out 2023.

IBGE – **Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas.** Agência de Notícias IBGE, 27 jun. 2023.

Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>. Acesso em: 3 jul. 2025.

JESUS, I. T. M. *et al.* **Fragilidade de idosos em vulnerabilidade social**. Acta Paulista De Enfermagem, v. 30, n. 6, p. 614–620, 2017. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201700088>. Acesso em: 01 jul. 2025.

KONRAD, A. Z. *et al.* **Concepções de Envelhecimento Saudável e Ativo de idosos morados do meio rural**. Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v. 28, e118390, 2023.

KULLOK, A. T. **A força e o vigor da mulher idosa rural: estudo etnográfico sobre envelhecimento em Dom Modesto, Caratininga-MG**. 2012.

LIMA, C. F. T. de; GARCIA, J. **INVISIBILIDADE DO TRABALHO DA MULHER RURAL EM MEDICILÂNDIA/PA: IMPACTOS NA APOSENTADORIA PELO TRABALHO RURAL**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 9, n. 9, p. 2403–2421, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i9.11376.

LIMA, L. M. G.; VON SIMSON, O. R. M. **Turismo cultural no espaço rural e qualidade de vida na velhice: diálogos entre o patrimônio imaterial e a gerontologia**. Disponível em: <https://www.iau.usp.br/sspa/arquivos/pdfs/papers/04506.pdf>. Acesso em: 02 jul 2025.

LORENZO, Ó. *et al.* **Fatores de isolamento social do idoso em meio rural**. Revista de Investigação & Inovação em Saúde, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 39–46, 2019.

MARMENTINI, J. S.; GERHARDT, T. E. **O protagonismo das mulheres e a promoção da saúde mental a partir do trabalho de extensão rural da EMATER/RS – ASCAR com os grupos comunitários de mulheres rurais**. Conexão Política, v. 10, n. 2, p. 122–153, 2021.

MARQUES, T. G.; TEIXEIRA, A. B.; GONÇALVES, L. A. O. **Mothers less educated as support for farm youth have access and remain in higher education**. Educação em Revista, v. 36, 2020.

MENEZES, D. B.; BOCK, C. V. E. **Perfil das mulheres rurais do RS**. Porto Alegre: Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural; Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, 2022.

NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Org.) **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013.

OLIVEIRA, A. C. *et al.* **Agrobiodiversidade no Território Rural Vale do Taquari, RS – saberes e práticas das mulheres rurais para a sustentabilidade e segurança alimentar**. Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana, v. 22, n. 12, p. 1–28, 2024.

PANNO, F.; DESSIMON MACHADO, J. A. **Influências na Decisão do Jovem Trabalhador Rural: Partir ou Ficar no Campo**. **Desenvolvimento em Questão**, [S. l.], v. 12, n. 27, p. 264–297, 2014. DOI: 10.21527/2237-6453.2014.27.264-297.

PONTES, A. P. I. *et al.* **Percepção de mulheres sobre sucessão familiar rural no município de Paragominas, estado do Pará**. CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES, [S. l.], v. 17, n. 2, p. e4818, 2024.

RIBEIRO, E. C. H.; DE HOLANDA RIBEIRO, S.; DOS SANTOS, N. P. **A desigualdade de gêneros nas séries iniciais**. Humanidades & Inovação, v. 9, n. 15, p. 243-254, 2022.

SCHMITZ, A. M.; SANTOS, R. A. **Os conhecimentos tradicionais das mulheres agricultoras em Francisco Beltrão (PR), Brasil: o uso das plantas medicinais na sociedade moderna**. Revista Campo-Território, v. 19, n. 56, p. 222–240, 2024.

SCHNEIDER, C. O. *et al.* **Mulheres rurais e o protagonismo no desenvolvimento rural: um estudo no município de Vitorino, Paraná**. Interações (Campo Grande), v. 21, n. 2, p. 245–258, abr. 2020.

SCHNEIDER, S. **Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 18, n. 51, p. 99–122, fev. 2003.

SILVA, A. M. *et al.* **Extensão rural e construção da equidade de gênero: limites e possibilidades**. Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 58, n. 1, e187845, 2020.

SILVA, L. X. da; BENITES, M. E. R. **Autonomia feminina no campo. DRd - Desenvolvimento Regional Em Debate**, 12 (ed. esp. Dossie), 2022.

SILVA, M. R. **Gênero, desigualdades e agricultura: a mulher na atividade agrícola familiar / Gênero e desigualdades: reflexões sobre as mulheres na atividade agrícola familiar**. Revista Brasileira de Desenvolvimento, [S. l.], v. 3, pág. 2095–2105, 2019.

SOUSA, L. P. D.; GUEDES, D. R. **A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década**. Estudos Avançados, v. 30, n. 87, p. 123–139, maio 2016.

TASSO, C. G.; SPANEVELLO, R. M. **O papel das mulheres nas propriedades rurais e a construção da sucessão geracional**. V COLÓQUIO NACIONAL E I INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM AGRONEGÓCIOS, 2022. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/569/2023/03/o-papel-das-mulheres-nas-propriedades-rurais-e-a-construcao.pdf>. Acesso em: 11 jun 2025.

VILLAMAGNA, M. S. M. R.; PEREIRA, G. B. F. **O envelhecimento da mulher na área rural: uma revisão bibliográfica exploratória**. Scientia Generalis, [s. l.], v. 2, n. supl. 1, p. 43, 2022. Disponível em: <https://scientiageneralis.com.br/index.php/SG/article/view/270>. Acesso em: 11 jun. 2025.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi – 2ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.